

**OPA(CIDADES) TONAIAS DAS BORDAS DE ÁGUA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO-RJ**

**SESSÃO TEMÁTICA:**

**ET2: Dimensão humana do projeto, do planejamento e da gestão da paisagem**

Ecléa Morais  
Universidade Estácio de Sá  
ecleamora@gmail.com.br

**RESUMO**

As Opa(cidades) Tonais das bordas de água constituem um dos fragmentos da tese de doutorado em Planejamento Urbano e Regional desenvolvida no IPPUR/UFRJ e operam como exercício de pensamento a partir da dimensão humana da paisagem. As opacidades foram produzidas por meio de derivas realizadas entre os anos de 2018 e 2020 nas bordas de água da cidade do Rio de Janeiro, acionando os sons e as cores enquanto dispositivos capazes de disparar devires borda-paisagem. A escritura dessas derivas assume a forma de um roteiro multiplot, no qual não há centralidade, linearidade ou hierarquia temporal. As cenas se justapõem como platôs, compondo uma paisagem rizomática onde os personagens (usuários, passantes, moradores, trabalhadores) produzem múltiplos sentidos para as bordas de água. Nesse agenciamento, convivem paisagens como o breu das noites de outono, os tons pastel do inverno, as oferendas para Yemanjá, o amontoado de tijolos atravessado pela luz do pôr do sol no verão. Assim, as Opa(cidades) Tonais recusam as bordas como limite fixo entre terra e água, articulando-as como espaço de transição, devir e indiscernibilidade, onde a paisagem deixa de ser objeto e passa a operar como experiência do sensível, sempre por vir.

**PALAVRAS-CHAVE:** Opa(cidades) tonais, bordas de água, derivas.

**ABSTRACT**

Tonal Opa(cities) of water edges constitute one of the fragments of the PhD in Urban and Regional Planning at IPPUR/UFRJ and operate as an exercise of thought in the human dimension of landscape. These opacities were produced through dérives (between 2018 and 2020) at water edges of the city of Rio de Janeiro, activating sounds and colors as dispositifs capable of triggering edge-landscape becomings.

The writing of these dérives takes the form of a multiplot script, in which there is no centrality, linearity, or temporal hierarchy. The scenes are juxtaposed as plateaus, composing a rhizomatic landscape in which the characters (users, people, residents, workers) produce multiple meanings for the water edges. Within this assemblage coexist landscapes such as the darkness of autumn



nights, the pastel tones of winter, offerings to Yemanjá, and the bricks crossed by the light of the summer sunset.

Thus, Tonal Opa(cities) refuse the edges as a fixed boundary between land and water, articulating them instead as a space of transition, becoming, and indiscernibility, where landscape could be an object to operate as an experience of the sensible, always yet to come.

**KEYWORDS:** Tonal opa(cities), water edges, *dérive*

## 1 INTRODUÇÃO

Ao falar sobre bordas de água em congressos científicos, aulas do doutorado e/ou, até mesmo, numa roda de conversa com os amigos, perguntas ressoam: O que são bordas? O que você quer dizer com bordas de água? É o mesmo que orla? Bordas são limites entre terra e mar? Bordas são margens?

Tais perguntas sugerem respostas validadas por rigorosos métodos e fundamentações teóricas que resultam em dizeres do que seriam bordas de águas enquanto verdades de mundo. Ainda, essas supostas verdades poderiam instituir categorias que classificariam os limites físicos entre terra e mar, ou seja, o dentro e fora das bordas de água. Tais verdades, teorias, dicotomias, relações binárias constituem marcas da filosofia ocidental<sup>1</sup>.

Segundo Mora (1971)<sup>2</sup>, a filosofia ocidental foi arena de discussões e divergências através dos diferentes tipos de abordagens, tais como: a ciência do ser enquanto ser (Aristóteles), o ser convertível com a verdade, sendo que a verdade vem de Deus (S.Tomé), a ciência do ente (Duns Escoto<sup>3</sup>), o ser concebido como transcendental (Suárez<sup>4</sup>). Há ainda, uma abordagem ontológica cuja pretensão é alcançar um saber racional e completo da realidade, ideia criticada por Kant, pois a metafísica deve sujeitar-se sempre a crítica.

Assim, a metafísica correspondeu, durante a idade moderna e constitui na contemporaneidade, independentemente de sua abordagem ontológica, dicotômica e/ou transcendental, um dos grandes temas de debates filosóficos como algo sempre presente, instituidor de verdades de mundo. Frente as verdades instituídas pela metafísica como

---

<sup>1</sup> Em Pensar em não ver, escritos sobre as artes do visível. Jacques Derrida. Florianópolis, Ed. Ufsc, 2012, pág.9.

<sup>2</sup> Mora, Jose Ferrater. Diccionario de filosofia. Tomo III. Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1971. Páginas 2378-2385.

<sup>3</sup> Duns Escoto foi teólogo e filósofo escocês negava a distinção real entre essência e existência, opondo-se, portanto, à doutrina tomista, que primava pela lei da analogia. Para Escoto, não se pode conceber o que é ser algo sem conceber este algo existindo realmente.

<sup>4</sup> Francisco Suárez, intelectual da Companhia de Jesus, filósofo, teólogo e jurista espanhol, conhecido por revitalizar a filosofia dos séculos XVI e XVII e provocar uma ruptura nos modelos teóricos vigentes adequando-os aos novos tempos. Suárez, junto a nomes como os de Luís de Molina, Domingo de Soto, Francisco de Vitória, Juan de Mariana, Martin de Azpilcueta, José de Aguilar, Diego de Avendaño, José de Acosta, entre outros, é a grande referência da chamada Segunda Escolástica, isto é, aquela investigação filosófica e teológica desenvolvida em torno das universidades ibéricas da época, como Salamanca, Évora, Coimbra, e ibero-americanas, como San Marcos (Lima) e San Antonio Abad del Cusco, que, nos séculos XVI e XVII, revitalizam os saberes que até então eram conduzidos dentro da tradição moldada por Tomás de Aquino, Duns Scotus e outros escolásticos medievais.



uma forma de dizer o que seriam bordas de água, é necessário reconhecê-la para poder traçar críticas, posicionamentos e disputar outras formas de abordar bordas de água.

Essas outras formas de falar bordas de água encontra-se na afectação e na potência da Filosofia pós-estruturalista da segunda metade do século 20 através dos filósofos pós-modernos, também conhecidos como pensadores do pós-estruturalismo. Um dos primeiros filósofos a questionar os valores absolutos, eternos, universais ou imutáveis foi Nietzsche, pois acreditava que a vida não se restringia apenas ao pensamento lógico e racional, mas que o comportamento humano, na sua maioria, era decorrente de regras não-conscientes impulsionados por movimentos e estímulos, o que chamava de potência.

Segundo Peters (2000)<sup>5</sup>, os autores pós-estruturalistas que se inspiraram nas obras de Friedrich Wilhelm Nietzsche foram: Martin Heidegger, Gilles Deleuze, Felix Guatarri, Jacques Derrida e Michel Foucault. Porém, dentre esses autores, Deleuze, Guatarri e Derrida são acionados nesta discussão para falar de bordas de água, pois possuem aproximação e afectação com a Arquitetura e Urbanismo. Tais autores auxiliam a rasurar os limites geográficos e metafísicos, desconstruir conceitos sobre bordas de água enquanto lugares dicotômicos (terra/mar), questionar o tempo cronológico e buscar uma outra escritura através dos roteiros.

A abordagem de Deleuze inspirou arquitetos como Lina Bo Bardi<sup>6</sup> para discutir o papel do arquiteto e urbanista na sociedade através do radicalismo moderno, utilizado com o intuito de gerar aproximação da cultura e modo de vida popular, a fim de desfazer as diferenças entre a cultura de elite e a cultura popular. A aproximação de Derrida com a Arquitetura e Urbanismo ocorreu no trabalho intitulado Chora L Works<sup>7</sup> no qual contém sete transcrições de uma discussão realizada entre Jacques Derrida e Peter Eisenman<sup>8</sup> para o Concurso do Parque La Villette que aconteceu em Paris no ano de 1982. O modo de escrita do Chora Works operou na tentativa da desconstrução da metafísica, paradoxalmente tarefa que Derrida considera impossível na medida em que a linguagem é metafísica.

Para além da escritura, o não dizer bordas de água nessa abordagem vai se desenhando, na busca por não fechar a trama das palavras e/ou os desenhos, mas de deixar fios e imagens para que cada um possa tecer e buscar infinitos significados de bordas de água. Assim, os modos de dizer bordas de água vão se compondo através das

---

<sup>5</sup> PETERS, M. Pós-estruturalismo e filosofia da diferença. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Pág.12

<sup>6</sup> Achillina Bo, conhecida como Lina Bo Bardi, imigrante italiana, foi uma das arquitetas mais emblemáticas do século XX pelo estilo simples, pela antropologia, política e por unir a arquitetura moderna ao popular. Ficou conhecida por ter projetado o Museu de Arte de São Paulo (MASP), Casa de Vidro e o Sesc Pompeia (SP). Disponível em: <https://laart.art.br/blog/lina-bo-bardi/>. Acessado em junho de 2021.

<sup>7</sup> A aproximação entre a arquitetura e urbanismo pós-estruturalista com a filosofia derridiana aparece emblematicamente exposta em uma série de notas, cartas, desenhos e artigos datados de 1985 reunidos em um livro chamado Chora L Works. KIPNIS, Kpnis, LEESER, Thomaz [Org.]. Chora L Works Jacques Derrida and Peter Eisenman. New York: The Monacelli Press, 1997.

<sup>8</sup> Peter Eisenman, arquiteto e teórico, é um dos principais representantes do desconstrutivismo na Arquitetura e no Urbanismo. PETERS, M. Pós-estruturalismo e filosofia da diferença. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.



linhas de segmentação ou articulação, estratos, territorialidades, mas também linhas de fugas, movimentos de desterritorialização e desestratificação.

As linhas de fuga, segundo Deleuze (1997), constituem agenciamentos. Um livro, assim como esse artigo é uma espécie de agenciamento, que não são representados por objetivos e/ou destinos pré-determinados, mas constituem expressão do desejo, deixando, apenas, nomes enquanto rastros e intensidades<sup>9</sup>. Nesse sentido, a pergunta nunca se refere ao objetivo, tampouco ao significado de bordas de água, mas refere-se as quais multiplicidades que metamorfoseia e converge com os devires bordas-paisagens.

Assim, essa escritura não se esgota em fechar um significado ou conceito, pois o movimento da escrita está sempre por vir<sup>10</sup>. Esse movimento do por vir está relacionado com a ideia de devir. Segundo Deleuze (1997), o escritor torna-se um pouco feiticeiro, pois é atravessado por estranhos devires que não são somente devires-escritor, mas devires-animal, que são capazes de compor bandos, matilhas, ou seja, capacidade de andar em grupos relacionando-se internamente e com seu ambiente. Ao conviver com a matilha, sempre encontraremos um animal anômalo que pode ser a ponta de desterritorialização do bando.

O anômalo é aquilo que não tem nome, que não foi (des)territorializado, nem codificado, o feiticeiro, o demônio. É nessa anomalia que surge a possibilidade de experimentar as bordas de água enquanto percepção e afectação. Segundo Deleuze (1992), os perceptos não mais são as percepções, pois independem do estado daqueles que os experimentam. Já, os afectos não correspondem mais aos sentimentos ou afectões, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. Assim, as sensações, como perceptos e afectos, não remetem a um objeto de referência, sujeito e/ou sentimento. Se as sensações tiverem semelhança com algo, essa semelhança é produzida por seus próprios meios, resultado de suas próprias afectações<sup>11</sup>.

Nesse sentido, as bordas de água podem ser pensadas enquanto devires que estão vinculada ao processo do desejo, como uma composição de afectos e perceptos. Esse conjunto de sensações disparam infinitas possibilidades de devires que não estão relacionados com uma imitação ou analogia de algo<sup>12</sup>, pois correspondem apenas a um ponto de partida para criação de novas subjetividades cujo devir nunca se concretiza, será sempre um processo de agenciamento do desejo movido por intensidades, relações de movimento e repouso, afectações que fazem o devir acontecer.

Assim, os devires neste artigo, são disparados pelo desejo de novas e outras possibilidades de torna-se bordas de água que se desenham a partir dos personagens que surgem nas derivas aleatórias. A escritura, inspirada no filme *Multiplot*, acontece num tempo que não é cronológico cuja abordagem é operada através de Deleuze e Guattari, subvertendo a cronologia dos fatos históricos do planejamento urbano para a cidade do Rio de Janeiro. Os bordantes foi um nome criado para os personagens e pessoas que tramam dizeres borda na cidade do Rio de Janeiro-RJ.

---

<sup>9</sup> DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (1997). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 1). São Paulo: Ed. 34. Página, 18.

<sup>10</sup> Ibidem, página 19.

<sup>11</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. Capítulo Percepto, afecto e Conceito. Página 216.

<sup>12</sup> DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998 (do original dialogues, 1977). Pág.66.

## 2.SOBRE AS DERIVAS.

As derivas aleatórias foram inspiradas em Deleuze e Guatarri como proposta de rasurar os métodos tradicionais de levantamento urbano realizados nos cursos de Arquitetura e Urbanismo que adotam uma forma determinista de compreender a cidade através da separação dos diagramas de análises. Esses diagramas de análise representam, isoladamente, o diagnóstico de cada setor da cidade ou recorte de um bairro que são: diagrama de funções, sistema de espaços livres, hierarquia de vias, cheios e vazios.

Nessas derivas, o objetivo não foi realizar o levantamento através de produção de diagramas para chegar a um diagnóstico concreto ou a uma verdade absoluta, mas realizar o levantamento das bordas de água da cidade do Rio de Janeiro através de derivas que, de forma alguma, foram estáticas. Dessa forma, podemos dizer que essas derivas se deram através de caminhos que não tiveram uma rota geográfica definida ou programada, mas de um caminho que fez enquanto caminhava pelas bordas de água. O caminhar era acionado por dispositivos que, conforme Deleuze (1992), constituem um conjunto multilinear de elementos moventes e heterogêneos<sup>13</sup>.

Esses dispositivos foram múltiplos, tais como: o formato torto dos maciços de áreas verdes que desenham as bordas de água da cidade, os cheiros (mata, terra, esgoto, fumaça), as cores (texturas), as luzes (brilho, transparência, sombras, opacidade), sons (água, animais, carros, pessoas passando, passos, manifestos em prol da proteção ambiental) e as pessoas que se apropriavam e davam novos significados para as bordas de água da cidade do Rio de Janeiro. Essas pessoas foram, carinhosamente, chamadas de bordantes.

A partir das derivas, observou-se que os modos com que os bordantes se apropriavam das bordas de água eram regados de memórias afetivas e políticas que retratavam fragmentos da história urbana da cidade do Rio de Janeiro. Esses fragmentos tornaram potência nesta escritura, pois entraram enquanto assombrações e espectros na construção das falas dos bordantes.

As falas dos bordantes foram registradas através de gravações, entrevistas orais e mapas mentais. Tais falas potencializaram o desejo de registrar as transformações que estavam acontecendo no auge do planejamento urbano estratégico na cidade do Rio de Janeiro através das obras para as Olimpíadas em 2016, ao mesmo tempo, em que era possível desmistificar as imagens de bordas de água construída pelas mídias sociais.

Não somente as falas, mas como as fotografias, croquis, recolhimento de panfletos publicitários, tertúlias, gravações sonoras aleatórias, entrevistas, passeios de bicicleta, ônibus, comidas, cheiros, rodas de samba e banhos de mar. Assim como a fala dos bordantes e esses registros tornaram potência para a escritura dessa discussão e, especialmente, para o acionamento dos derives bordas-paisagens.

---

<sup>13</sup> DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161.

### 3.OS BORDANTES

Após falar sobre as derivas nas bordas de água da cidade do Rio de Janeiro, torna-se importante apresentar quem são as vozes que bordaram essa escritura. Como num filme Multi-Plot, a trama foi composta por vários personagens que possuem percursos paralelos, conflitos entre si (de forma direta e indireta) que se entrelaçaram através da política, do desejo, das afecções, fobias, medos, memórias e do mover dos corpos na cidade.

Embora, num filme Multi-Plot a intenção não seja criar categorias de protagonistas, antagonistas e coadjuvantes, pois todos os personagens possuem importância na trama, sempre há uma voz que tenta contradizer um discurso ou impedir a ação de um personagem. No caso dessa escritura, essa tensão é manifestada através do discurso hegemônico, que está sempre tencionando o desejo dos bordantes.

Os bordantes surgiram a partir dos afetos, derivas, músicas que embalaram as caminhadas pelas bordas de água, dos discursos do Estado e de outros agentes que se tornaram presente nesta escritura. Segundo Campos (2007), as afecções podem ser classificados como elementos da percepção, inferência e imaginação. Os elementos da percepção são aqueles percebidos pelo dramaturgo (aqui pelo devir-escritor), a inferência refere-se ao que é deduzido a partir dos elementos percebidos e a imaginação são elementos imaginados a partir da inferência e da percepção.

Assim essa taxonomia foi uma forma de conduzir essa escritura, não como um modelo a seguir ou, mas como uma forma de tramar os bordantes sem ter a intenção de realizar um desfecho. Um dos bordantes é a Neta de Judith que também é narradora dessa escritura. Esse tipo de narrador escreve a partir de uma horizontalidade com a estória, daquilo que observa, funcionando como um duplo espectador (daquele que narra e que participa da estória). Assim, a Neta de Judith cria e enuncia as inúmeras formas de tornar-se bordas de água na cidade do Rio de Janeiro-RJ.

O filho da Neta de Judith, Bisneto de Judith é um moleque cariúcho que vê, nas bordas de água carioca, uma oportunidade de explorar, conhecer novos lugares e se tornar bordas de água junto com sua mãe. Com a Neta de Judith e o Bisneto de Judith reside a Hermana do Sul, gaúcha-argentina-carioca e professora de teatro. Além desses bordantes, o Mar torna-se um personagem atemporal e infinito dotado de sincretismos religiosos e cores e sons e diversas tonalidades. O Mar possui uma personalidade intempestiva, imprevisível, depende do tempo, da maré e do vento, mas por outro lado possui uma tendência de curar, quarar e levar embora as mágoas.

Intempestiva como o Mar, Mercedes é moradora resiliente da Vila Autódromo, na qual morou durante 18 anos com seu marido, Luiz, grande pescador. Participou ativamente do Plano Popular de Urbanização, uma alternativa ao plano do governo municipal para que a comunidade não precisasse ser removida. Além desses bordantes, há também a Miriam (vendedora do quiosque do posto 09 de Ipanema), Luis e João (ambulantes já amigos de Bisneto de Judith).

#### 4. CONHECENDO A VILA AUTÓDROMO

Do fundão, a Neta de Judith e seus colegas do Instituto de Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ) partiram em direção a Vila Autódromo. Foram pela linha Amarela, passando pela Comunidade da Cidade de Deus, bairro Taquara, até a Barra da Tijuca. Quando chegaram na Vila Autódromo, havia panfletos e faixas espalhadas pelos moradores que reivindicavam o direito de permanecer nas suas casas.

Na entrada da rua principal estavam armadas barricadas com pneus e cones que impediam o acesso da polícia e, principalmente, das máquinas da Prefeitura Municipal que entravam derrubando as casas marcadas pela Defesa Civil. Na semana anterior, havia tido um conflito entre a polícia militar e moradores, no qual vários moradores foram feridos com cassetetes, balas de borracha e gás lacrimogêneo. O decreto para removê-los de suas casas foi emitido pelo prefeito no início do ano de 2016, embora os moradores tivessem o uso legal da terra adquirida através do Processo de Regularização Fundiária.

Logo após as barricadas, havia uma espécie de container, como se fosse um canteiro de obras, onde estavam expostos mapas, notícias, Plano Piloto de Lúcio Costa, decretos municipais, estaduais e federais. Esse local foi construído pelos moradores com a ajuda dos alunos e professores do IPPUR/UFRJ.

Logo na entrada desse container, a Neta de Judith escutou a Mercedes, moradora da Vila Autódromo.

MERCEDES (gritando): Vocês não acreditam!!!! O Sr. Carvalho, em uma entrevista para o jornal *The Guardians*, falou que os pobres já possuem o espaço para viver! Esse espaço é a periferia da cidade! Sabem o que mais aquele senhor disse? “Eles (nós) estão indo pra moradias no padrão deles, eles (nós) têm que sair.”! Vamos deixar?

Mercedes continuava falando alto, enquanto Neta de Judith e seus amigos se aproximavam.

MERCEDES: O processo de remoção está sendo realizado pelas autoridades, municipais e estaduais. A maioria dos moradores aceitaram acordos ou foram transferidos para lares temporários, a cerca de 1 km de distância daqui. No entanto, aqueles que não quiseram sair de suas casas levaram a pior. Fomos atacados com balas de borracha e gás lacrimogênio! Merecemos sair de nossas casas? Temos documentação, minha casa é minha!

Logo após terminar o discurso, Mercedes, já com a voz trêmula e rouca, sai do container para fumar um cigarro. Neta de Judith vai atrás e oferece um isqueiro, que havia pegado com um colega do doutorado.

NETA DE JUDITH: Maria, quer um isqueiro? Deixa acender este cigarro para ti.

MERCEDES: Obrigada, lindona! Mas você com esse sotaque, não é daqui. De onde você é? O que faz aqui?

NETA DE JUDITH: Não, faz um ano que vim para cá. Sou gaúcha, faço doutorado no IPPUR, na UFRJ. Lá em Porto Alegre, estudei uma comunidade de pescadores que foi transformada em condomínios de alta renda. Porém, a expulsão se deu de forma indireta pela ação do mercado imobiliário, não teve remoção e nem violência armada. Como está acontecendo aqui, nunca vi nada igual anteriormente.

MERCEDES: Aqui também tem pescadores, quero dizer, tinham pescadores, pedreiros, professores, donas de casa. Nem sei onde foram parar! Embora não fôssemos tão próximos, vivíamos em comunidade, eu sabia quem eram os filhos dos meus vizinhos e vice-versa! Uma tristeza isso! Quer dar uma volta? Você quer ver o que restou da nossa comunidade?

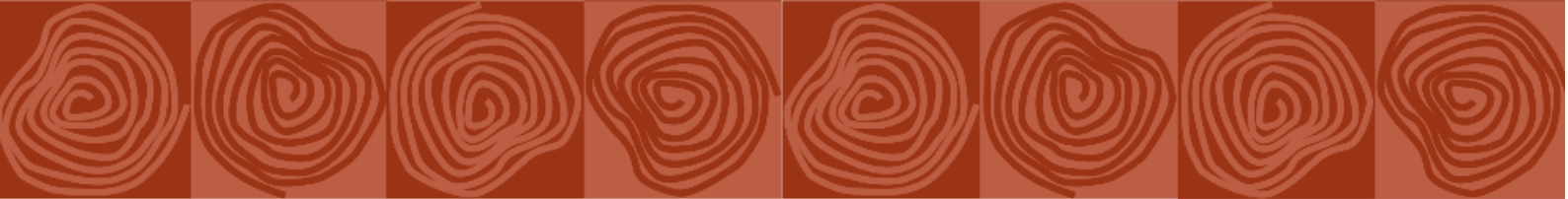
NETA DE JUDITH: Seria muito bom te ouvir, mas se quiser apenas caminhar te acompanho.

Mercedes e Neta de Judith percorreram, caladas, as ruas da Vila Autódromo. Parecia um cenário de guerra, havia terrenos com muros e destroços de casas, paredes marcadas com a sigla SMH (Secretaria Municipal de Habitação) fadadas a demolição, crianças que corriam no meio daquele cenário cinza que cheirava a cimento e pó. Nas sobras de algumas paredes, ainda restavam desenhos e figurinhas dos álbuns das crianças (Fig.01).

Figura 01. Cenário de destruição da Vila Autódromo.



Fonte: desenho da autora



Neta de Judith acompanhava Mercedes que caminhava em direção a lagoa. Havia uma árvore frondosa e um banco de madeira descascado e um úmido. Mercedes convidou Neta de Judith para sentar-se.

MERCEDES: Senta, minha filha.

SACIGEPEMECÊ (sussurrando no ouvido da Neta de Judith): Peça um cigarro, garota!

NETA DE JUDITH: Mas eu não fumo cigarro.

SACIGEPEMECÊ: Fuma, nesse momento, sim!

NETA DE JUDITH (num devir fumante): Me dá um cigarro, Mercedes?

MERCEDES: Claro! Cigarro ajuda a colocar o silêncio para fora. Hoje, mesmo, Sr. Luis, pescador, foi embora, desistiu de lutar. A mãe dele estava doente e ele não podia colocar a vida dela em risco. Cada morador que vai, sinto um aperto no peito e uma fraqueza para lutar. Costumo vim aqui, nesse banco para recarregar as energias. Gosto dessa árvore, de ver a água da lagoa, embora, as vezes, os cheiros não sejam bons. Sou devota de Oxum! Preciso da água para viver!

NETA DE JUDITH (num devir ainda fumante): Sou devota a Nossa Senhora Aparecida. Tenho uma medalhinha que minha mãe me deu antes de embarcar para o Rio de Janeiro.

MERCEDES (sorrindo): Nossa Senhora Aparecida, na religião de matriz africana, é Oxum!

Esse foi o único sorriso de Maria durante aquela conversa. Nesse momento, começou a ventar forte, levantando a saia estampada de Maria.

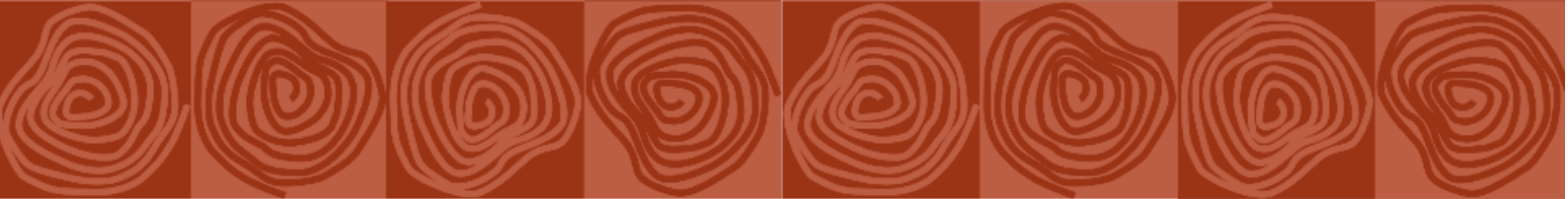
MERCEDES: Vamos, minha filha, Oxum está dizendo para nós voltarmos! Já me sinto forte, hoje teremos vigília para evitar a entrada da polícia militar.

NETA DE JUDITH: Vamos, vou tentar falar com minha Hermã do Sul para ver se ela cuida do meu filho essa noite! Vou tentar passar a noite em vigília com vocês!

## **5. SOM DO MATE, BISCOITO GLOBO E DAS EMPADAS**

Nas manhãs de sábado as bordas de água de Ipanema são bordas-água-pedra, bordas-água-edifícios, desenhadas e redesenhadas pelo sorriso das crianças, gritos do vôlei, do caminhar dos idosos, do funk, do guarda-chuva e do guarda-sol e da canga e do barco e lixos e redes e palheiros ou, talvez, de infinitas possibilidades de dizer bordas Arpoador e Ipanema e.

Na barraca da Miriam, posto 9, tem cadeira, guarda-sol, wi-fi, aceita dinheiro e cartão (somente débito). Embora cadeira custe R\$15,00 e o guarda-sol R\$25,00, a Neta de Judith sempre leva sua canga e chimarrão, pois sobreviver com um filho pequeno no Rio de Janeiro dependendo da bolsa de doutorado, não é fácil.



MIRIAM (sorridente): Bom dia, gaúcha! Fala moleque botafoguense! Fiquem à vontade, se for dar um tempo no seu chimarrão e quiser comprar uma caipirinha, aqui está na promoção! Se for dar um mergulho, deixa a bolsa aqui na barraca. Ei, moleque, cuidado com o mar, hoje ele acordou de ressaca! Não está muito bom!

NETA DE JUDITH: Bom dia, Miriam! Pode deixar, já que o mar está de ressaca vou tomar uma caipirinha mais tarde, para acompanhá-lo!

Nesta manhã de sábado, as músicas vinham das pessoas que vendiam bebidas e comidas de praia e do mar que reclamava quando batia na areia. Neta de Judith, abre sua canga, serve um mate e começa a ler um livro – Mil Platôs de Deleuze, (tenta ler, pois, seu filho, já não quer mais tomar chimarrão, quer mate Leão!). Ao fundo reconhecemos a voz de João!

JOÃO: “Tu quer chá ou tu quer mate, limão ou limonate, mate, globo!!!! Alô Mate!”

BISNETO DE JUDITH: João, tem mate com limão?

JOÃO: Sim, R\$5,00!

BISNETO DE JUDITH (espanto): Uau!!! Mó caro, mãe! Lá na Miriam tem promoção! Aumentou João, era R\$ 4,00!

JOÃO: Não está caro, não, meu filho! As olimpíadas deram maior prejuízo, aquelas barracas oficiais construídas na beira da praia prejudicaram minha venda! Agora, Vendo do posto 7 ao posto 10, está difícil para todo mundo! Mas, tenho biscoito Globo também, salgado e doce! Só não tenho dinheiro! Está com Sr. Justos Guerra! Mas pra você que é meu camaradinha, vou fazer por R\$ 4,00!

Bisneto de Judith sorri, agradece a João, senta-se na canga para tomar o mate leão e ver o mar que estava agitado. Já aborrecido de não poder entrar na água, Bisneto de Judith pede para sua mãe comprar empada. Um vendedor, cantarolando, passa por eles. Neta de Judith levanta mão!

VENDEDOR DE EMPADAS: Olha a empada! Doce e Salgada!

NETA DE JUDITH: Moço, bom dia! Tu tens empada de frango? Quanto custa?

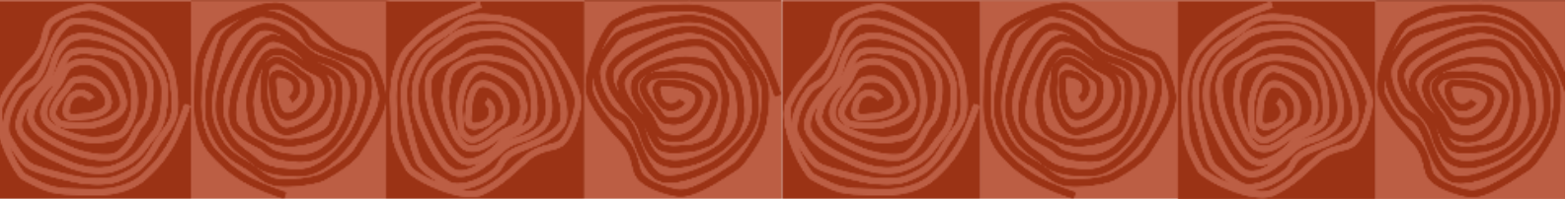
VENDEDOR DE EMPADAS: Sim! Uma por R\$6,00, duas por R\$ 10,00! A melhor empada de Ipanema! Se for ruim, não paga! Em um ano de praia, nunca ninguém reclamou! Mas também tenho camarão, carne seca, palmito e a de frango com catupiry! A empada de camarão é minha especialidade, pesquei muito camarão!

NETA DE JUDITH (quando, ainda morava em Ipanema): Faz por R\$5,00? Eu sou moradora de Ipanema!

VENDEDOR DE EMPADAS: Por isso, poderia pagar R\$10,00!!!!

NETA DE JUDITH: Mas eu vou me mudar no mês que vem!

VENDEDOR DE EMPADAS: Muito caro em Ipanema! Eu morava na Vila Autódromo, agora moro em Santa Cruz! O mercado aqui é um absurdo, tem os



mesmos produtos e dez vezes mais caro! Esses quiosques do Santander e essas melhorias fizeram a praia inflacionar!

NETA DE JUDITH: O senhor quer sentar-se? Eu estive com a Mercedes, líder comunitária, em uma das barricadas da Vila Autódromo. Desculpa, qual o seu nome?

VENDEDOR DE EMPADAS: Luiz! Luiz das empadas! Então, a senhora conheceu a nossa comunidade! Só lhe digo, uma coisa:

Aquele prefeito prometeu um condomínio de qualidade para que as pessoas fossem reassentadas com dignidade, eu acreditei. O dinheiro que me deram, não deu nem pra comprar uma kitnet! Minha casa tinha três quartos, varanda e um quintalzinho pra plantar umas verduras.

NETA DE JUDITH (indignada): Mas o senhor não reivindicou? Como pode isso, lhe prometer e não cumprir?

LUIZ (também indignado): Não é só isso, minha querida! “As dificuldades são o transporte, a creche que eles ofereceram para gente e não cumpriram, a clínica da família que também nunca teve! Foi pior que o Cesar Maia! Com ele ainda deu para brigar, mas com o legado Olímpico, não tivemos chances!

NETA DE JUDITH: É, Sr. Luis, quando a gente olha as propagandas das Olimpíadas ou até mesmo da Copa do Mundo, a gente não imagina quantas famílias precisaram renunciar a suas casas e suas vidas para a realização desse projeto. Muito triste, mesmo!

LUIZ: E tem mais, não conseguia nem fazer minhas empadas! Não tinha gás encanado! A empresa de gás disse que o fornecimento de gás foi interrompido por motivo de segurança, porque detectaram um vazamento nas instalações internas do condomínio. Pra mim, isso é coisa de miliciano querendo cobrar o nosso gás!

NETA DE JUDITH: Isso é um absurdo e ninguém sabe disso? Tinham que denunciar!

LUIZ: Minha querida, agora o local tem dono, polícia que tomou lugar de bandido. O povo já tentou falar com os jornais, mas pouco vai acontecer! Quem sabe numa próxima eleição para prefeito!

BISNETO DE JUDITH: Mãe e a empada?

LUIZ: Verdade, moleque! Você vai querer de qual sabor?

BISNETO DE JUDITH: De camarão, ué! Da sua especialidade!

LUIZ: Moleque, esperto! Presta atenção em tudo! Vou lá, obrigada, gostei de vocês!

NETA DE JUDITH: Nós que agradecemos!

## 6. DEVIRES BORDAS-PAISAGEM

Existe um instante em que as bordas suspendem sua função de limite e passam a vibrar como paisagem em devir. Um intervalo mínimo, quase imperceptível, em que a cidade desacelera e o sensível ganha espessura. É nesse entre nem dia, nem noite, nem terra, nem água que as bordas-paisagem se deixam narrar. Não como definição, mas como acontecimento. Essa escritura se deu neste intervalo, mostrando que as bordas de água só podem ser pensadas enquanto movimento, nunca como forma estabilizada.

As opa(cidades) tonais demonstram que planejar, projetar e gerir paisagens sugere atentar para todos os tons, cores, sons e movimentos da paisagem. A opacidade não esconde: ela intensifica as múltiplas paisagens que muitas vezes estão e/ou são escondidas. Essas paisagens se manifestam quando permitimos o corpo, o ouvido, o olhar distraído, o caminhar acontecer sem ter um rumo. As derivas acionadas não buscaram revelar verdades urbanas, mas produzir encontros, afetos e fricções capazes de deslocar os modos hegemônicos de ver e pensar as paisagens bordas de água.

Dizer bordas-paisagem é dizer multiplicidade. É permitir que convivam a política e o afeto, o mercado e o corpo cansado, a obra monumental e o improviso cotidiano. As bordas de água falam por sobreposição: pressa e permanência, festa e luto, água que cura e água que expulsa. São espaços atravessados por forças que não se deixam capturar por categorias fixas do planejamento.

Nesse sentido, as bordas não são orlas, nem margens, nem linhas divisórias. São campos de indiscernibilidade. Operam como platôs onde emergem devires, borda-criança, borda-mulher, borda-mar, borda-ruína. Cada encontro produz um modo singular de existir paisagem, sem promessa de conclusão.

Assim, essa escritura não encerra num conceito de bordas de água, bordas-paisagens, e, sim, possibilita fissuras através da rasura da metafísica que insiste em permanecer. A narrativa multiplot, tal como a paisagem, segue aberta, fragmentada, inconclusa ou como o mar ao entardecer. Ainda, deixar que as bordas-paisagens continuem dizendo em cor, som, opacidade outras possibilidades de dizer cidades e paisagens e Mercedes e Judites.

## 7. BIBLIOGRAFIA

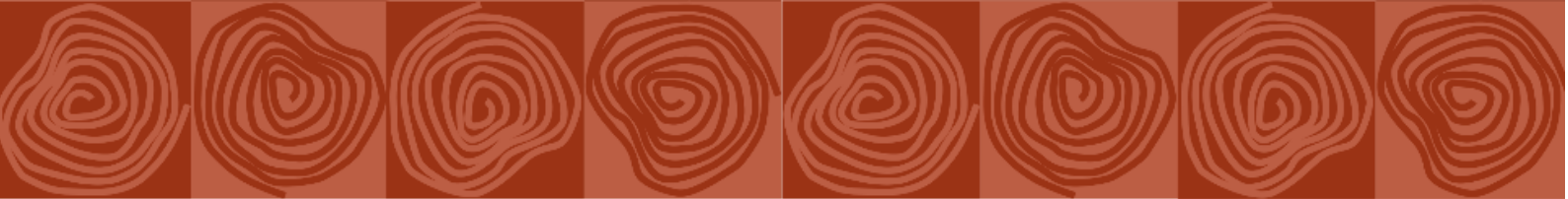
ARAÚJO, Frederico. **Caosgrafia Cidade**. Caderno Metrópole 18 (37). Sep-Dec 2016.

CAMPOS, Flávio de. **Roteiro de cinema e televisão: a arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma estória**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ Jorge Zahar, 2007.

DELEUZE, G. & Guattari, F. (1997). **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia (Vol. 1)**. São Paulo: Ed. 34.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. Capítulo Percepto, afecto e Conceito.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998 (do original dialogues, 1977).



DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974 (do original Logique du sens, 1969).

DELEUZE, Gilles. **¿Que és un dispositivo?** In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990.

DERRIDA Jacques. **Pensar em não ver, escritos sobre as artes do visível**. Florianópolis, Ed. Ufsc, 2012.

FERNANDES, Tatiana. **Barra da Tijuca (RJ), Plano Piloto, Legislação e Realidade**: o processo de urbanização, ocupação e suas consequências ambientais. Revista VITAS, Ano III, v.6, 2003. Disponível em: <<http://www.uff.br/revistavitas/index.php/numeros-antigos>>. Acesso em 05 de fevereiro de 2015.

MORA, Jose Ferrater. **Diccionario de Filosofia**. Tomo III. Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1971.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.